

III

As Causas Superficiais

PARA QUE UM MOVIMENTO TENHA SENTIDO REVOLUCIONÁRIO, porém, não basta que seus objetivos o sejam. Muito mais importante é verificar se o protesto tem raízes profundas, se suas causas se inserem de tal forma dentro do processo histórico, de forma que possamos, legitimamente, considerar dentro de uma visão histórica ampla, os estudantes e os intelectuais não-comprometidos (o conceito e o papel dos intelectuais não-comprometidos será por nós analisado mais adiante) como substitutos da classe operária no papel de germen e meio de cultura revolucionário por excelência.

Em vista disto é preciso, antes de mais nada, eliminar as falsas causas e as explicações superficiais. Temos, principalmente, dois tipos de explicação que merecem o título, uma de superficial e a outra de simplesmente falsa.

Pretendem alguns que a revolta estudantil seja causada, fundamentalmente, pelas deficiências do sistema universitário. Nesses termos a revolta seria causada por maus professores, pela burocratização da universidade, pelo sistema de cátedras, pela falta de instalações adequadas, de laboratórios e bibliotecas, pelo excessivo número de estudantes por classe, etc. Semelhante explicação é atrativa pela sua simplicidade. E tem a seu favor o fato

de que as falhas realmente existem, e que são geralmente essas falhas que se constituem no estopim da revolta estudantil. Entretanto, a superficialidade da explicação é manifesta. As deficiências da universidade sempre existiram. Por que só agora causariam protestos? Por outro lado, como explicar todo aquele sentido revolucionário dos estudantes, seu desejo de transformar o mundo? Se fosse verdadeira essa explicação, as manifestações estudantis deveriam limitar-se a exigir a reforma universitária. Ora, já vimos que esta não é sequer a principal preocupação dos estudantes. Além disso, como explicar que, nos Estados Unidos, um dos focos da revolta estudantil, o movimento estudantil teve início e maior repercussão exatamente em uma das melhores universidades americanas, como é sem dúvida Berkeley? Na verdade, querer atribuir a crise estudantil às falhas da universidade é alienar-se da realidade. É confundir as causas reais da revolta estudantil com um pretexto das mesmas.

Não há dúvida de que se trata de um bom pretexto. Tanto assim que, via de regra, as manifestações estudantis começam com protestos contra as falhas da universidade. É natural que isso aconteça. O estudante começa por protestar contra aquilo que está mais próximo dele, que o atinge diretamente. Mas, assim que, com base nesse pretexto, o movimento alcançou um mínimo de unidade e organização, ele extravasa do âmbito do pretexto que lhe deu origem e adquire suas verdadeiras dimensões, de protesto total. Naturalmente, além da reforma universitária, há outros pretextos, como a liberdade sexual, como aconteceu com os estudantes de Paris, que desejavam poder receber pessoas de outro sexo em seus dormitórios, ou com as estudantes de Berkeley, que protestavam porque a farmácia da universidade fora proibida de vender pílulas anticoncepcionais. Mas causas desta natureza têm seu caráter de pretexto e de explicação superficial ainda mais evidente.

De vício mais grave do que o de ser uma causa superficial (como é o caso das falhas da universidade) sofre a explicação corrente nos meios conservadores dos países ocidentais, segundo a qual a revolta estudantil seria fruto da infiltração comunista nos meios estudantis. Mais do que uma causa superficial, esta é uma causa falsa, é uma criação mental daquelas pessoas que sofrem de paranóia anticomunista e que acreditam que, de uma forma ou de outra, todos os problemas sociais do mundo são fruto de um complô internacional, com origem em Moscou ou em Pequim.

Depois da revolta de maio de 1968, na França, a falsidade desta explicação tornou-se tão evidente que não é necessário perdermos muito tempo com ela. Já vimos, quando falamos dos operários como sendo os ex-revolucionários, que foi exatamente o Partido Comunista Francês quem se transformou no baluarte da ordem estabelecida, ao desviar o sentido revolucionário da revolta estudantil, que começava a contagiar a classe operária, para meras reivindicações de maiores salários e melhores condições de trabalho. Conforme observou o *Economist*,

«é significativo que os rebeldes de Nanterre tratam os comunistas como parte do 'estabelecimento', como parte do consenso.»[†]

De fato, o Partido Comunista Francês faz parte da ordem estabelecida, é um organismo aceito pela sociedade, foi institucionalizado, e, portanto, contribui para o consenso político em que a sociedade francesa, aliás, como toda sociedade, está baseada. Seus objetivos podem continuar a ser considerados revolucionários na medida em que pretendem mudar as bases econômicas e sociais do regime, mas seus métodos não são mais revolucionários. E é importante observar que este fenômeno não é peculiar apenas ao comunismo francês. Em todos os países do mundo este acomodamento do comunismo oficial é patente. No Brasil, de há muito o Partido Co-

[†] Transcrito em *O Estado de São Paulo*, 26 de maio de 1968.

munista deixou de ser uma organização efetivamente revolucionária.

Não cabe, no âmbito deste trabalho, discutir as causas deste fenômeno. Basta dizer que, provavelmente, este acomodamento tem origem, de um lado, na institucionalização dos partidos comunistas, a que nos referimos há pouco, e de outro, no fato de os partidos comunistas continuarem, ainda, em sua grande maioria, a serem meras projeções da política de Moscou. Ora, tornou-se claro nos últimos anos que a revolução comunista internacional não interessa aos objetivos nacionais da União Soviética, na medida em que a luta por essa revolução pode pôr em risco a segurança da própria União Soviética.

Se não podemos, portanto, atribuir a revolta estudantil às «maquinações do comunismo internacional», podemos, ainda assim, atribuir estas revoltas à organização dos grupos estudantis radicais de esquerda. Esta explicação é mais plausível, e devemos admitir que há uma certa base para ela. De fato, o que se vem observando nos diversos países ocidentais, inclusive no Brasil, é a formação de pequenos grupos revolucionários de esquerda, de base católica ou/e marxista, que adotam posições políticas muito mais radicais do que as do comunismo oficial. Estes grupos vêm conseguindo, muitas vezes, tomar as lideranças do movimento estudantil. E não há dúvida que, quando esse movimento se transforma em rebelião, a liderança desses pequenos grupos radicais se manifesta.

Entretanto, pretender dar como causa final da revolta estudantil a existência desses grupos, é novamente uma explicação superficial. Esses grupos são mais um sintoma do que uma causa da revolta estudantil. Eles surgem naturalmente, em todo o mundo, porque há um ambiente propício para sua ação. E conseguem, depois, liderar os movimentos, exatamente na medida em que esse ambien-

te propício, esse clima de revolta geral e anárquica, está presente nos seus colegas. Seria absurdo imaginar que todas as revoltas estudantis que vêm abalando o mundo sejam fruto de pequenos grupos ativistas radicais. Esses grupos, sem dúvida, participam da revolta, procuram orientá-la sempre que possível. Mas só conseguem algum êxito em seu esforço na medida em que a revolta não é, realmente, uma expressão apenas deles, mas da grande maioria.

Poderia, porém, alguém objetar: mas não seriam esses grupos radicais organizados internacionalmente? Admitimos, sem dúvida, que haja contactos internacionais entre estudantes. Mas daí concluir que a revolta estudantil resulta de uma organização internacional subversiva é algo que repugna ao bom-senso. Além dos argumentos já apresentados, poderíamos perguntar como se poderiam explicar, nesses termos, as revoltas estudantis da Polônia ou da Tchecoslováquia. Na verdade, atribuir simplesmente a revolta estudantil ao trabalho subversivo de organizações radicais de esquerda é cair no vício do personalismo. E' esquecer que existem causas estruturais, básicas, das quais esses grupos são simples manifestações.